

FÉ, LOGOS E EDUCAÇÃO: NAS PERSPECTIVAS DE VIKTOR FRANKL E JOSEPH RATZINGER (BENTO XVI)

FAITH, LOGOS AND EDUCATION: IN THE PERSPECTIVE OF VIKTOR FRANKL AND JOSEPH RATZINGER (BENEDICT XVI)

Diego Moraes Batista

Universidade Federal do Pará

Resumo. Este trabalho procurou dialogar com a educação a partir do pensamento de Viktor Frankl centrado no sentido, conjuntamente ao pensamento de Joseph Ratzinger baseado na perspectiva da fé como um caminho possível de se encontrar um sentido sólido para a vida. A partir de uma pesquisa bibliográfica o presente trabalho lança mão das ferramentas: fé e vontade de sentido, para elucidar sua poderosa função educativa, às quais são capazes de formar uma personalidade robusta frente à patologia do tempo: o vazio existencial. Pela fé, o homem pode encontrar um caminho de sentido que o capacita aos valores superiores. A fé visualiza o sentido profundo do mundo e da vida, precisamente porque o mundo exprime um sentido comunicante.

Palavras-chave: Fé, Sentido, mundo, educação, vazio existencial.

Abstract. This study attempted to dialogue with education from the thought of Viktor Frankl focused towards together at the thought of Joseph Ratzinger based on the perspective of faith as a possible path to find a solid direction for life. From a literature survey this paper makes use of the following tools: faith and will to meaning, to elucidate its powerful educational function, which are capable of forming a strong personality pathology across time: the existential void. Through faith, man can find a way to sense that enables him to higher values. Faith sees the deeper meaning of life and the world, precisely because the world expresses a communicating direction.

Keywords: Faith, meaning, world, education, existential emptiness.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta um diálogo de dois pensadores a respeito da questão do sentido da vida e sua função educativa para o homem contemporâneo, Viktor Frankl e Joseph Ratzinger (Bento XVI). Ambos discorrem profundas discussões da necessidade de encontrar um sentido capaz de sustentar e configurar fundamentos a existência humana, capaz de conceder paz ao coração e esperança diante de uma realidade marcada pela degradação moral, pela perda de sentido, frustração existencial e consoante a isto um alastramento de violência, drogadição, descompromisso, etc.

O vazio existencial é um fenômeno histórico proveniente da mudança social, das transformações valorativas do mundo ocidental, concomitantemente, é um fenômeno humano originário de uma indagação sobre o sentido da existência, cuja resposta pode configurar um trampolim para o crescimento pessoal, dizendo sim a vida sob qualquer circunstâncias ou uma crise de consciência podendo levar a uma angustia existencial, uma neurose noogênica.

Portanto, perguntar sobre o sentido da vida é um questionamento autenticamente humano. Cujos projetos de configuração de sentido não encontram sua resposta somente na capacidade que o homem tem de encontrar sentido e configurar metas, a saber, visualizar propósitos, mas é uma pergunta respondida sobretudo a partir de algo anterior ao homem, algo que o antecede, segundo Ratzinger é respondido pelo donde.

O sentido na vida não é uma linha que aponta somente para o futuro, ao contrário, encontra sua resposta sobre tudo no seu passado, o primado do sentido. E deste primado é que sustenta e lança luz ao presente e ao futuro. O sentido do mundo é sua realidade criada.

A fé, por assim dizer, é este olhar capaz de ver o sentido profundo da existência, cuja função educativa se dá pelo deixar-se guiar pela escuta da Palavra. Capacita o homem para impetrar caminhos novos, porque ilumina o mundo de possibilidade, precisamente por ter sentido. Só há possibilidade porque há sentido. Pela fé o homem tem a possibilidade gradativa de vir a ser algo totalmente transformado, orientado desde antes para o futuro cuja realidade não é a morte, destruição e fim de tudo, mas sua realização plena.

O VAZIO EXISTENCIAL: UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO

O vazio existencial é caracterizado pelo sentimento de tédio e indiferença. Estes sentimentos atingem muito dos jovens de hoje, e, de uma forma diferente, muitos da área da educação tem conhecimentos deste fenômeno, quando lamentam a indiferença quanto à escola por parte dos alunos. O vazio existencial se manifesta quando o homem desconhece o objetivo de sua vida. Deste modo, se faz necessário levar os jovens a reconhecer que a educação é o meio fundamental para se atingir projetos de vida.

Nas grandes cidades, ou mesmo na história da humanidade, encontra-se o homem sempre em movimento, a caminho, indo e vindo; para onde vai o homem, o que busca?

Qual seu destino? Este fenômeno revela a transitoriedade do homem. O homem caminha e busca sua “casa”. Esta que não é um lugar, mas uma seguridade, estabilidade ou familiaridade. A teoria da homeostase pensada por Sigmund Freud bem quis banir está tensão do homem pela busca do equilíbrio. Mas a transitoriedade marca o caráter existencial do homem.

Estrangeiros aqui, o sentido da vida pode ser um alimento profundo que sustenta este movimento humano. Capaz de suportar a vida. Isto revela a inquietação existencial face uma razão que dê fundamente a vida.

Neste ínterim, educar para o sentido da vida é uma proposta atual, e cuida de um desafio bastante presente a educação, o vazio existencial. Frankl (2010) demonstra que o aumento da violência, a drogadição e a promiscuidade é resultado da frustração existencial. “Quando falta un sentido de la vida, cuyo cumplimiento hubiera hecho feliz a una persona, éste intenta conseguir el sentimiento de felicidad *mediante un rodeo*” (p. 19). O vazio existencial faz crescer e proliferar este drama.

Claro que ainda hoje a educação pública brasileira sofre com problemas graves e históricos: professores mal remunerados, e por isso descomprometidos, cansados, sem motivação para criar aulas dinâmicas, escolas com precária infraestrutura, sem uma biblioteca expressiva. O que é mais contrastante, muitas penitenciárias possuem uma biblioteca bem mais preparada do que muitas escolas públicas. Estas bibliotecas chegam a parecer mais com biblioteca de mosteiros, com tantos livros de santos e assuntos do gênero, enquanto que na

escola a fé não tem espaço concreto de diálogo e promoção.

Nesta brevíssima análise social, política e cultura da educação brasileira os condicionantes são fatores que devem ser levadas em consideração e por isto mesmo lutar para que eles mudem. Todavia, é nesta mesma realidade que o jovem pode encontrar motivação para continuar indo em busca de suas metas, motivados pela vontade de sentido. Como o próprio testemunho de Frankl nos campos de concentração.

Todavia, os jovens da atualidade estão inseridos numa realidade bem peculiar: o desmoronamento dos valores universais e da tradição, estes fenômenos atingem diretamente a juventude; a fragmentação da família tradicional para as novas configurações de família, a liberdade sexual, a pluralidade cultural, uma educação voltada para as habilidades, para técnicas e para concorrência do mercado profissional, um incentivo ao consumo de drogas, necessitam de uma proposta educativa que responda a esta realidade. E, até mesmo não promova o reducionismo na educação e com isto o vazio existencial.

A educação pensada por Frankl deve ser aquela que capacita o homem para eleger, saber discernir “entre lo que esesencial y lo que no lo es, entre lo que tienesentido y no lotiene, entre lo que es responsableslo que no” (Frankl, 2010: 32). Isto implica em educar o jovem para responsabilizar-se por sua vida, nas eleições que tecem o caminho existencial no qual o próprio homem se molda.

A raiz do vazio existencial se dá pelo fato de o homem não possuir um instinto, como se sucede nos animais, que deve lhe orientar o que tem que fazer; como também, deve-se ao âmbito cultural, diferente dos homens do passado inseridos num tecido cultural unitário, amplamente compartilhado, o homem emancipado se vê arrojado numa existência desnuda. Expulsos do “paraíso” o homem busca encontrar roupas que o proteja do frio da existência. Este, ignorando o que tem que ser ou o que deve ser, resulta no fundo não saber o que quer. Desconhecendo o seu caminho, encontra-se perdido numa vida sem sentido.

Na fase da juventude se dão as descobertas fundamentais, a saída da despreocupação – a infância – para o comprometimento com a vida, surgem os conflitos, mudanças de papéis e aquisição de novas identidades: o que se é e o que se pretende ser, disto resulta os conflitos de consciência. Nesta ocasião a juventude precisa ser bem orientada, pois podem padecer psiquicamente. Neste ínterim, a educação para o sentido habilita o homem para dispor da sua região espiritual: a liberdade e responsabilidade, para guiar-se pelas leis fundamentais segundo a consciência.

Pensando numa teoria motivacional a partir do pensamento de Frankl, um jovem é capaz de comprometer-se com uma causa – neste caso a educação, se o jovem vê sentido pessoal na educação, se é para ele um meio de realização e projeção de propósito de vida, então, ver-se-á atraído pelo sentido. A educação deve ser mais, deve não ser somente sentido, mas ajudar o jovem a encontrar sentido em muitas outras realidades, capacitando-o para impetrar propósitos.

MUNDO E SENTIDO

A perda das bordas metafísicas do mundo, a retirada de Deus do horizonte do homem; no desvelamento das coisas, fruto da busca do homem pela “pedra filosofal”, a história que seria a história da *salvação*, resulta no nada. Após ter-se partido o véu do templo resulta o nada. Paira, portanto, o sentimento de ausência.

Sobre este aspecto histórico, Ratzinger (2007) tem uma bela passagem, onde diz:

O mundo perde suas bordas metafísicas; onde quer que se possa ir ele aparece apenas como mundo. O que até agora tinha sido céu se revela como mundo, que em toda a sua circunferência tem a mesma natureza, no qual não há em cima ou embaixo e sim em toda a parte a mesma estrutura da matéria com as mesmas leis que atuam em toda a parte. Nem a terra é um centro ou fundamento, nem o céu um céu – tudo é precisamente só “mundo” (p. 81).

Foi-lhe retirado o céu e o chão, resta agora à exigência de um novo gênesis, deve o homem reconstruir seu novo mundo, a partir de si. O vazio existencial é fruto de uma época em transição, cujos valores até aqui não dizem mais respeito a realidade do homem e da cultura atual.

Fazendo uma analogia do Gênesis, o primeiro mal que acomete o homem é a solidão, donde, exatamente, nasce o sentimento de angústia – *angst*; isto é, reconhecer-se lançado no *Da* na sua solidão. Por isso mesmo o homem deve ser responsável por si, pois, estando *Da*, é chamado a tecer o tecido de sua existência.

Início da labuta do homem, cuja visão ontológica revela a vida como trabalho, e mesmo numa concepção teológica, o livro da Gênesis revela um Deus que trabalha e por isso mesmo cria.

O trabalho, segundo Frankl, é a primeira via para encontrar sentido na vida. O trabalho interfere no mundo. Por ele, o homem tem a capacidade de transformar e criar um novo mundo. Exatamente por que possibilita a intervenção no mundo, o trabalho faz surgir uma realidade nova.

Frankl detecta, nos tempos atuais, uma neurose bem diversa das neuroses convencionais, a neurose noogênica. Esta nova neurose prove da crise de consciência, colisão de valores, consciência que revela que o homem é responsável por si. Em verdade, ninguém pode ser por ele se não ele mesmo. Desta realidade dá-se às escolhas, as ponderações, o crivo da avaliação e a decisão.

É precisamente desta necessidade de fazer escolhas que se instaura o conflito, porque é uma realidade que atinge a região espiritual: a liberdade. O homem é livre para decidir-se por si, para traçar seus caminhos. Mas quando lhe falta os conteúdos para vida, então, esta ausência pode-se transformar numa escolha mortal.

Chegou-se a um ponto importante de proposta deste artigo: a finalidade, o para quê do homem, e com isto a razão da educabilidade. Estes questionamentos perpassam a temporalidade da existência, precisamente porque diz respeito ao projeto de vida, a saber, ao futuro.

Ver a vida no seu caráter de missão, não possui somente um valor terapêutico, mas fundamenta a existência e marca a identidade da pessoa, por isso mesmo, possui um valor pedagógico, pois forma a personalidade.

“Aquele que não vê mais futuro algum diante de si não pode suportar o presente” (Ratzinger, 2007: 252). Esta afirmação se entrelaça com um relato de Frankl no campo de concentração, a respeito daqueles que perderam a esperança na realidade de haver sentido a vida, não suportavam a condição cruel na qual estavam submetidos, e tantos se suicidaram.

Que los que demostraron tener mayor capacidad para sobrevivir incluso en aquellas situaciones limite eran los que estaban orientados hacia un futuro, hacia una tarea que les esperaba, hacia un sentido que querían cumplir (Frankl, 2010: 28).

Sobretudo nos tempos da sociedade contemporânea, proveniente da esperança na técnica, no avanço da medicina, acredita-se que as doenças e males que acometem o homem podem encontrar sua solução um dia, uma questão de tempo. Justamente porque a educação é marcada pelo caráter de projeto, esta se entrelaça com a realidade temporal que “empurra” o homem sempre para frente. Deste modo a temporalidade repercute no pensar a educação.

E tal finalidade da educação reside na região da educabilidade: o ser e o dever ser, região marcada pela esperança, orientada para o futuro. Aquela sentença da teologia o “já, mas não ainda”, o que já se é até aqui e o que se deve tornar-se. Chegar a ser aquilo que deves ser é o

caminho da educabilidade que perpassa pela realidade do tempo.

O que se sucede pensar no futuro? É bem verdade que aquele derradeiro momento futuro, a morte, retroage concretamente no *Dasein* do homem. E, o viver do homem se dá segundo a concepção que ele comporta da morte. Em face da transitoriedade do tempo e com ele o homem, o futuro caminha ao nada e o passado escapou dentre as mãos e o presente se torna fugas. O *carpe diem* aparece como a única práxis possível. Por isto, nos dias atuais o futuro é uma realidade inserta, sobretudo, um terrível vilão, que vem roubar-lhe a existência, isto é, a terrível realidade da morte, que destrói o próprio sentido.

Portanto, qual o futuro do homem? Tal projeto de vida intenta para onde? O que lhe aguarda num futuro não muito distante? Abre-se aqui um diálogo com a teologia do *Logos*, onde o *Logos* é centro puro: “tudo que existe vem do *Logos*” (Ratzinger, 2007: 96). O *Logos* utilizado no prólogo de João pode ser traduzido para sentido e palavra.

Este pensamento de Joseph Ratzinger entrelaça-se muito bem com o de Viktor Frankl, quando este afirma que o sentido não se encontra em si, mas no mundo concreto: “El sentido no puede darse, sino que debe descubrirse” (Frankl, 2010: 29). Como possibilidade que salta do profundo da realidade, o sentido exige do homem o manuseio dos utensílios disponíveis no mundo a sua disposição para tece o tecido da existência.

Com isto pode-se falar, por assim dizer, de uma ética do sentido, cuja influencia, ou

orientação interfere na atitude concreta do homem, isto é, ao lançar mão dos utensílios disponíveis no mundo, o homem vai até onde a “luz” do sentido – a voz da consciência – ilumina seus passos, sua atitude. “Não é a ‘ação’ que cria o sentido, mas o sentido é que cria a ação” (Ratzinger, 2007: 97). É o primado do sentido que fundamenta o *a posteriori* do *ethos*.

O sentido abre possibilidades de ação e orienta o *ethos*. Na proposta da Logoterapia o homem é chamado a agir segundo o “requerimento” do momento concreto. A vontade humana de encontrar sentido na vida educa e é o fundamento da atitude humana.

Para Ratzinger o sentido concreto que se desenrola nas situações concretas se sustenta no *Logos* criador:

A frase o mundo vem do *Logos* significa que o mundo tem sentido; ele foi criado pelo sentido que se exprime. Já antes de fazermos sentido da nossa parte, existe sentido. Ele nos abraça. Nós nos apoiamos nele. O sentido não é uma função da nossa ação, mas a condição que a torna possível (Ratzinger, 2007: 96).

Não é a força do homem que produz sentido e por isso abri possibilidade, tão menos o homem pode dá sentido a sua vida, mas há possibilidade precisamente porque o sentido existe e alarga o horizonte do homem para visualização de possibilidade. O mundo, como lugar onde se encontra e realiza sentido, exprime sentido precisamente porque é realidade criada pelo *Logos* criador.

Portanto, o sentido não é um projeto, enquanto possibilidade, para o futuro, mas é

precisamente algo que antecede a existência do homem, que é antes do homem e para o qual tende o homem. A esse respeito, diz Ratzinger (2007): “isso quer dizer que a pergunta pelo nosso “para quê” deve ser respondida pelo ‘donde’” (p.96).

Quando Frankl chama o homem de realidade criada, está professando, sobretudo, um credo no criador. Logo, Frankl e Ratzinger caminham na mesma linha. Diz Frankl (2011): “o homem, à medida que se julgava a si mesmo como criatura, interpretava sua existência à imagem de Deus, seu criador” (p. 26). Ela fala isto em detrimento da atualidade, onde o homem considerando-se como criador avalia sua vida segundo sua criação: máquina (Frankl, 2011). Para Ratzinger, o sentido concreto do mundo e o futuro do homem ganha luz no *donde*, a finalidade do homem encontra seu sentido na sua origem. De onde vem o mundo? Do *Logos* criador.

FÉ E EDUCAÇÃO

Da fé, precisamente da fé em Jesus, o homem pode conforma sua vida ao mundo dos valores de Jesus. Esta fé descobre um sentido profundo, fonte dos valores altos. O sentido enriquece de fundamento a vida do homem e sua relação com o mundo.

Por isto, o *Logos* não é somente sentido, mas decididamente mais, é *Verbum*, palavra. Este sentido comunica-se ao homem, deixa-se conhecer. “O sentido ‘objetivo’ do mundo é um sujeito em relação para comigo. Sendo *Logos*, Deus é fala – não somente Criador, mas revelador que me fala e ao qual posso responder” (Ratzinger, 2007: 97).

Do encontro com este sentido, de um Deus que tem algo a falar ao homem, isto não o paralisa ante a vida, como numa paz passiva, ao contrário, o capacita a realização de valores situacionais e pessoais.

E porque se comunica ao homem, este pode conhecê-lo, conhecendo-o pode acolhê-lo, acolhendo-o pode segui-lo. Talvez, seja esta atitude autenticamente existencial, ao acolher o sentido pode tornar-se sentido. Por isso, pode enriquecer seu mundo de sentido.

Nisto apresenta-se a poderosa função cognitiva e educativa da fé, capaz de ver e sentir a vida de outra maneira. A este respeito Bento XVI (2011) tem um lúcido e claro pensamento da fé e sua implicação educacional:

Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida (p. 9).

A fé é o olhar que atinge o supre sentido, capaz de vê valores e sentidos diversos, próprios da realidade da fé. Esta transforma e educa o homem plenamente, desde seu profundo até sua manifestação concreta consigo, com a divindade e como meio. Configura sólido sentido à existência do homem. Longe de aliená-lo, atinge a região específica do homem, a região espiritual, pois se relaciona a partir da liberdade, o *logos* responde ao *Logos*, por não ser uma imposição, mas uma disposição do “coração” do homem que se abre para acolher o mundo de

valores provenientes da fé. Bento XVI (2011) afirma que a vida do homem, suas atitudes devem ser um pressuposto obvio da fé. O que sou é resultado do que se acredita.

Com a revelação de Deus em Jesus, o homem tem a possibilidade de deixar-se ensinar por Deus, o *Shemá* Israel: “Escuta Israel” (MC 12. 29). Esta escuta abre o horizonte da educabilidade, deixa-se educar pela escuta da Palavra; por um Deus que fala ao “coração” do homem. O homem é aquilo que escuta. Ao escutar palavra de amor torna-se capaz de amar, se escuta palavras de poder e dominação, torna-se capaz do mesmo.

Neste relacionamento interpessoal, a fé se dá na dimensão do encontro, encontro com uma pessoa concreta, encontro com seu modo de pensar, sentir e agir. Ela é a aberturado “coração” do homem para a realidade da acolhida do outro, reconhece a dimensão relacional com o Tu, a “totalidade da pessoa, com sua inteligência, sua vontade e seus sentimentos” (Galabert, 1988: 340).

Frankl afirma que tal diálogo de um Eu e um Tu, anularia a si mesmo, se este encontro não transcende para além deles mesmos: “no encontro, aqueles que se encontram não são duas mônadas, sim, seres humanos que contratam um ao outro com logos, isto é, com o sentido do ser” (Frankl, 2011: 18).

Este encontro transcendente implica na doação mutua da própria vida, para depois reencontrá-la numa realidade totalmente nova. Primeiramente Deus se doa ao homem por amor, e em resposta, o homem perde-se a si para

acolher a vida de Deus doada. Eis um encontro face um sentido.

Neste relacionamento não se trata de atualizar a Palavra ao homem moderno, mas é a Palavra que atualiza o homem aquele tempo de Deus.

A fé a partir da dimensão do encontro permite acesso a pessoa do outro, que se atem não no que ele é, mas no que pode vir a ser. Neste caso, a fé é uma resposta responsável, comprometida, acolhendo para si o outro, e se deixa plasmar por esta realidade, que atinge profundamente a pessoa, que se identifica com o objeto da fé, que se deixa possuir, “alcançado por Cristo Jesus” (Fil. 3. 12).

No rosto de Jesus de Nazaré, o homem pode reconhecer que Deus não é algo estranho ou exterior a ele. Assim disse Ratzinger:

Em Jesus de Nazaré, encontro o mais próprio de mim mesmo; por isso, posso falar com ele, por isso posso entendê-lo, por isso posso tornar-me um corpo, quer dizer, uma única existência. “Mas por isso também sempre permaneço caminhando para ele, porque ele sempre é infinitamente mais” (Ratzinger, 2007: 97).

O amor é o valor que une, fundamenta, sustenta e orienta esta relação nascida da fé. “A fé, que atua pelo amor” (Gl. 5. 6). Neste âmbito da fé relacional, o homem pode responder a esta proposta amorosa e deixa-se transformar em nova criatura.

A região da educabilidade, como já refletido a cima, o ser e o dever é a região do deixar-se transformar, região na qual o homem

pode intervir em si em vista de uma transformação, mas é precisamente a região em que Deus pode intervir, no sentido do deixar-se alcançar. Lugar de realização da Obra de Deus.

VONTADE DE SENTIDO E EDUCAÇÃO

O sistema teórico da Logoterapia afirma que a raiz mais profunda do homem é a vontade de sentido, a busca pelo fundamento da existência. Frankl comprova em várias estatísticas, mesmo quando as necessidades humanas, segundo a teoria das necessidades de Maslow, estão satisfeitas, a busca por sentido se dá ainda mais forte.

Acaso não seria verdade que existe um mercado que se beneficia do vazio existencial? Onde faz prolifera a libido, e por isso o mercado do sexo, a compensação pelo consumismo, o mercado do entretenimento, o aumento do consumo de drogas nas diversas faixas etárias, o mercado de cosméticos.

Reflete Frankl (2010), citando Kierkegaard, sobre o desejo de realização da existência: “Estaba muy en lo cierto Kierkegard cuando afirmaba que la puerta de la felicidad se abre hacia afuera y que cuando alguien se precipita contra ella no hace sino cerrarla con más fuerza” (p. 82).

Frankl explica que a felicidade é um intento do homem, mas este não o pode encontrar sem antes não buscar os fundamentos para ser feliz. Este fundamentos se dão pela realização de valores e pelo encontro amoroso face a um tu: “El cumplimiento y el encuentro son los que proporcionan al hombre el fundamento de la felicidad y del placer” (Frankl, 2010: 82).

Mesmo os que enveredam pelo caminho do prazer necessitam encontrar o fundamento. A busca da felicidade ou da realização existencial não pode ser encontrada objetivando tão somente o prazer, pelo fato, segundo Frankl (2010), de o prazer dever ser o que ele é, um efeito secundário, do cumprimento de sentido.

Uma reflexão existencial, o homem depara-se consigo e se reconhece como um ser aí, disponível na existência. Percebe, também, que no fundo ninguém pode ser por ele ou ser ele, é uma existência única, precisamente por ser uma pessoa única.

A vida clama por razões que a fundamente. Ora, a vontade de encontrar um sentido profundo na vida é por demais alta e, por demais nobre para ter seu fundamento tão somente na frivolidade, entretenimento, drogadição ou na busca pelo prestígio e no poder, cuja toda forma de poder é poder para matar.

A busca pelo sentido da vida pode desvendar a magia profunda, como falara o Aslan das Crônicas de Narnia, quando encontrasse com a *ration*, sabedoria eterna, supra sentido.

O que é visto na educação brasileira, é uma preocupação por treinar o homem para as habilidades e competências e não para os conteúdos, uma transmissão de conhecimentos. A educação virou propriamente um adestramento, visa o cognitivo e não a pessoa, isto revela a presença do reducionismo presente na educação.

A proposta de educação para o sentido implica em preparar o jovem para liberdade

responsável, torna-lo apto para fazer escolhas e traçar projetos de vida. Pois uma educação para a cidadania, não leva em consideração a pessoa mesma, mas estar a serviço do que é pretendido com o conceito de cidadania, em outras palavras, a educação pode estar a serviço de uma engenharia ideológica estatal.

Existe uma cabível passagem de Frankl, embora tratando de paciente, mas pode ser pensada no âmbito da educação:

Uma abordagem meramente técnica do ser humano implica, necessariamente, manipulação. Por sua vez, uma abordagem exclusivamente em termos de dinâmica tende a reificar o paciente – a transformar seres humanos em simples coisas. E esses mesmo seres humanos sentem, percebem imediatamente o aspecto manipulativo (Frankl, 2011: 15).

Na atualidade com o incentivo a tratar nas escolas a sexualidade, constata-se, sobretudo, um apelo a uma educação sexual pautada nos princípios da vontade de prazer. A hiperintenção caracteriza um estado neurótico, afirma Frankl: “El placer se convierte en contenido y objeto único de la atención. Pero, en la medida en que el neurótico se preocupa del placer, pierde de vista el fundamento del placer, y ya no puede obtener se el efecto ‘plaer’” (Frankl, 2010: 83).

Ora, se se tem um marcado que se beneficia do vazio existencial, por que não pensar num Estado e em Leis que se organizam e se constituem a partir de um vazio existencial que atinge amplamente a cultura, como também a política?

A educação pensada por Frankl para esta época é uma para afinar a consciência, ouvir a “voz” da consciência, este órgão de sentido, região das leis éticas. Uma educação que capacite o homem a guiar-se pela consciência, capaz de fazer-se frente aos instintos, impulsos, estímulos sociais e pautar-se no que tem sentido ou no que não, o que é essencial ou não. A saber, uma educação para liberdade e responsabilidade. Liberdade porque o homem é aquilo que faz de si, nas palavras de Frankl (2009): “Es un ser que siempre decide lo que es” (p.273). E, responsabilidade para assumir para si sua existência, comprometer-se com algo ou alguém.

Quanto à responsabilidade que homem é chamado a assumir, diz Frankl (2010): “Responsabilidad ante la sociedade, ante la humanidad, ante la conciencia, o bien no ante algo, sino ante alguien, ante la divindade” (p. 112).

CONCLUSÃO

A fé não pode ser uma ferramenta dispensável do horizonte educativo, nem aprisionada ao foro íntimo. Pela sua capacidade de oferecer ao homem horizontes existenciais profundos. A fé faz entender que o grande progresso e desenvolvimento humano passa pelo reconhecimento de que o sentido profundo do mundo e futuro do homem está num sentido criador e por isso mesmo ilumina a realidade criada.

A fé dissipa o frio existencial, faz derreter o inverno gélido do coração do homem contemporâneo. Faz saltar aos olhos do homem o sentido comunicante do mundo,

consequentemente o sentido existente da vida do homem.

O sentido da vida não é somente uma prática psicoterapêutica a ser aplicada, é também uma orientação pedagógica capaz de ser uma linha que forma a consciência e a personalidade. Ou uma visão de mundo orientada para os valores altos do homem, formando um espírito humano robusto ante a patologia do tempo, o vazio existencial.

Pela fé, o sentido profundo da existência humana é uma pessoa que se deixa encontrar e tem algo a comunicar.

Pela fé, a região da educabilidade do homem é alcançada por um outro com o qual o homem se identifica como mais próprio de si mesmo, ao mesmo tempo que é sempre mais do que ele.

REFERÊNCIAS

- Aquino, T. A. A., Damásio, B. F. & SILVA, F. P. da. (orgs). (2010). *Logoterapia e Educação: Fundamentos e prática*. São Paulo: Paulus.
- Bento XVI (2011). *Porta Fidei*. São Paulo: Paulinas.
- Frankl, V. E. (2009). *El hombre doliente. Fundamentos antropológicos de la psicoterapia*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. E. (2010). *Ante el vacío existencial. Hacia una humanización de la psicoterapia*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. E. (2011). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Gelabert, M.(1988). Fé, Confiança. In XAVIER, O. P. & NERO, O. S. (dirig.), *Dicionário teológico: o Deus cristão*. São Paulo: Paulus.
- Ratzinger, J. (BENTO XVI). (2008). *Dogma e Anuncio*. (2ª edição). Rio de Janeiro: Edições Loyola.

Enviado em: 22/03/2014

Aceito em: 24/07/2014

SOBRE O AUTOR

Diego Moraes Batista. Graduado em Letras pela Universidade Federal do Pará. Especialização em Análise existencial e Logoterapia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor no Sistema Nacional de Aprendizagem Comercial/SENAC. Formador no Instituto Unibanco. Professor no Sistema Nacional de Aprendizagem Rural/SENAR. Coordenador do Movimento de Cursilhos de Cristandade/GED-Capanema, Pará.